

# Anticonversa na televisão brasileira: uma análise do programa *Manhattan Connection*

Maria da Penha Pereira Lins  
Universidade Federal do Espírito Santo

**RESUMO:** Neste artigo, apresentamos um estudo das estratégias discursivas utilizadas na conversação realizada dentro de contexto institucional. Com base principalmente em conceitos da Pragmática e analisando fragmentos de um programa de debates veiculado pela televisão, verificamos que os participantes não obedecem ao ritual característico de debates institucionais. A irreverência e o descomprometimento com o tópico a ser discutido levaram-nos a caracterizar o evento como uma “anticonversa” da Tv brasileira.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tv brasileira; debate; análise da conversação.

## Introdução

O presente trabalho objetiva fazer um estudo sobre as estratégias discursivas utilizadas em conversação realizada dentro de contexto institucional. Serviram de dados fragmentos transcritos de gravação de um dos debates que constituem o programa semanal *Manhattan Connection*, transmitido pelo canal GNT. A necessidade de se fazer um recorte levou à escolha de fragmentos iniciais, uma vez que a duração de quarenta e cinco minutos do programa como um todo demandaria sobrecarga de elementos para transcrição e análise.

A pesquisa foi feita em forma de micro-análise, com abordagem a partir de conceitos da Pragmática. Serviram de base para a análise as formulações de GRICE (1975) sobre o Princípio da Cooperação, as conceituações de GOFEMAN (1979) sobre representação do papel social, o estabelecimento de BROWN e LEVINSON de estratégias discursivas nas interações, além da caracterização da estrutura organizacional da conversação descrita por MARCUSCI (1986).

Constam deste trabalho uma unidade sobre Pragmática e interação e outra sobre a linha teórica que serviu de fundamento para a análise dos dados. Além disso, é apresentada uma descrição analítica dos fragmentos da conversação que compõem o debate à luz dos conceitos dos autores selecionados para a fundamentação teórica.

O interesse pelo assunto surgiu do estranhamento que o programa causa

no telespectador ao se deparar com o modo como os participantes interagem no decorrer do debate. A estrutura de expectativas em torno da organização formal de uma conversação dentro de um contexto institucional – a televisão – é frustrada. Daí o estranhamento, a curiosidade.

## 1. Pragmática e interação

Diferentemente dos estudos sobre o uso da língua do ponto de vista dos recursos puramente estruturais efetivados pela lingüística tradicional, os estudos pragmáticos vão deter suas observações no uso da língua condicionado pelas diversas situações sociais.

Para CRISTAL (1985), Pragmática refere-se “ao estudo da *língua* do ponto de vista dos usuários, em especial as escolhas feitas, *as restrições* encontradas ao usar a língua em interação social e o efeito de seu uso sobre outros participantes em um ato de comunicação.” Para ele, o foco acha-se numa área entre a semântica, a Sociolingüística e o contexto extralingüístico. Afirma, ainda, que a Pragmática veio também a ser caracterizada como o estudo dos princípios e prática do desempenho conversacional – englobando todos os aspectos do *uso* e entendimento da língua, e o fato de ela ser *apropriada* ou não.

Deste modo, a análise de textos interacionais pode ser efetuada a partir da variedade de tópicos de que a Pragmática pode lançar mão. Assim, um debate, por exemplo, pode ser visto sob a caracterização da organização da conversação indo além do seu aspecto simplesmente estrutural. MARCUSCHI (1986) afirma que “a montagem das diferentes estratégias, processos e organizações não tem em vista mostrar que as coisas devem dar-se assim mas servir de chave para compreender o que está ocorrendo quando *não é assim*.”

Isso significa que há que se levar em conta toda a rede de inferências que vai estar presente nas dadas situações de comunicação.

## 2. Fundamentação teórica

### 2.1 *A conversação*

MARCUSCHI (1986), citando LEVINSON (1983), afirma que a conversação é o gênero básico da interação humana. Com isto, sugere a natureza essencialmente dialógica da linguagem: quando conversamos, o fazemos com perguntas e respostas, argumentações e contra-argumentações.

Sobre a organização da conversação, MARCUSCHI (1986) a caracteriza

apresentando cinco características básicas constitutivas:

- interação entre pelo menos dois falantes;
- ocorrência de pelo menos uma troca de falantes;
- presença de uma seqüência de ações coordenadas;
- execução numa identidade temporal;
- envolvimento numa interação centrada.

Essas cinco características da conversação levam à pressuposição de que uma necessidade básica à sustentação de uma conversa é o compartilhamento de esquemas de conhecimento e o domínio de situações sociais.

MARCUSCHI (1986) distingue dois tipos de diálogos: *diálogo assimétrico*, em que um dos interlocutores inicia, orienta, dirige e conclui a interação e exerce pressão sobre o(s) outro(s) interlocutor(es) – o caso das entrevistas, dos inquéritos e das interações em sala de aula –, e *diálogo simétrico*, em que os vários participantes têm supostamente o mesmo direito à auto-escolha da palavra, do tema a tratar e de decidir sobre seu tempo – as conversações diárias.

A simetria nos diálogos é afetada na medida em que se constata diferença de condições sócio-econômicas e culturais ou de poder entre os indivíduos. Isso cria condições diferenciadas de participação no diálogo.

A regra básica da conversação é a alternância de falantes: fala um de cada vez. A tomada de turno é o fator organizador da atividade conversacional. Quando ocorrem falas simultâneas, mecanismos reparadores são postos em ação.

Além da tomada de turno, os pares adjacentes representam um dos traços importantes na organização conversacional. Como exemplo de pares adjacentes, cita pergunta-resposta, ordem-execução, convite-aceitação/recusa, cumprimento-cumprimento, xingamento, defesa/revide, acusação-defesa-justificativa, pedido de desculpa-perdão.

Relacionada a pares adjacentes está a noção de preferência, que escalona a qualidade de resposta. Assim, para um convite, por exemplo, a preferência é pela aceitação.

MARCUSCHI (1986) observa, ainda, que a conversação é organizada por estratégias de formação e coordenação. Essa coordenação se dá cooperativamente e não por decisão unilateral. Um ato de fala deve ter alguma relação com o ato seguinte, a repetição dos conteúdos não é redundante, o que há é uma reorientação do tópico.

COULTHARD (1977) *apud* MARCUSCHI (1986) observa que a conversação é comandada pelo *princípio de parcimônia* que pressupõe não ser conveniente falar aquilo que já é sabido pelo parceiro. E, ainda, que algumas coisas são conversáveis e outras não.

## 2.1.1 *A conversação em contextos institucionais*

Os contextos institucionais requerem das conversações características organizacionais diferenciadas daquelas das interações cotidianas.

Estudiosos da etnometodologia, como LEVINSON (1979), ATKINSON (1982) e HERITAGE (1984, 1991) *apud* PEREIRA (1993), já concentraram seus interesses em pesquisas sobre a interação em contextos institucionais. Essas pesquisas demonstram haver restrições impostas a atividades tais quais interrogatório legal, interação em sala de aula, entrevista para emprego, cada qual com objetivos e especificidades próprios.

Em relação a contextos institucionais de multiparticipação, ATKINSON (1982:91-106) *apud* PEREIRA (1993) estabelece uma série de traços importantes na organização da interação, para a produção e o monitoramento das ações.

Para ele, há redução quanto à eficiência no processamento do sistema de troca de turnos, na orientação partilhada e na participação dos falantes: se o grupo é maior, é menor a oportunidade de alguém obter o turno; ao mesmo tempo em que é maior a dificuldade de monitorar a atenção. Assim, o principal problema interacional em contextos de multiparticipação é a preservação do falante.

ATKINSON (1982) aponta como problemáticos os seguintes pontos: identificação e visibilidade dos participantes, conhecimento da identidade dos participantes, formato da fala no contexto e alocação de turnos.

A identificação e visibilidade dos participantes representam fatores expressivos no entendimento das atividades. O conhecimento da identidade dos outros co-participantes, assim como a percepção de expressões faciais, gestos e outros movimentos do corpo representam aspectos importantes na interpretação das atividades. Deste modo, a distância física do falante, a direção em que está olhando e a presença de outras pessoas podem representar obstáculos.

Esses obstáculos, no entanto, podem ser solucionados por procedimentos como estabelecimento anterior da disposição dos participantes no espaço físico, com vistas a possibilitar destaque para aqueles que forem desempenhar papéis especiais. Além disso, o uso de vestimentas específicas exigidas por papéis sociais específicos e o emprego de formas de introdução e de apresentação dos participantes à audiência auxiliam no entendimento da conversação.

A alocação dos turnos constitui traço predominante em interações de multiparticipação: há o estabelecimento prévio de uma ordem de fala mais ou menos conhecida pelos falantes antes de se iniciar a seqüência interacional. Nessa organização há tipos específicos de turnos para diferentes participantes. Há, ainda, a orientação de turnos que tende a se realizar por mediação conduzida

por um participante com funções especiais, previamente estabelecidas. Este participante tem direitos especiais, pode decidir quem pode falar, quando, e o que pode ser dito sobre o assunto.

Em referência ao formato das elocuições ATKINSON (1986) chama atenção para determinadas elocuições, a conferência por exemplo, que, por serem produzidas em turnos prolongados, podem se tornar confusas ou difíceis de serem acompanhadas. Para ele, é preciso cuidado com a forma de pronunciação – como o volume de voz e as pausas dentro dos turnos.

## 2.2 *O princípio da cooperação*

Considerando o significado convencional das palavras – *o que se diz* e as implicaturas – *o que se quer dizer*, GRICE (1975) afirma que, ao contrário do que possa parecer, nossos diálogos são esforços cooperativos reconhecidos. Cada participante reconhece neles um propósito comum ou um conjunto de propósitos que orienta a direção da conversa. Esse propósito pode ser fixado no início (uma questão para discussão) ou durante o diálogo.

A partir dessas observações, GRICE (1975) formula o princípio da cooperação: Faça sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que você está engajado.

Para esse princípio, estabeleceu quatro máximas que representariam as regras da conversação:

### **Quantidade**

- 1 Faça sua contribuição tão informativa quanto for requerido (para o propósito corrente da conversação).
- 2 Não faça sua contribuição mais informativa do que é requerido.

### **Qualidade**

- 1 Não diga o que você acredite ser falso.
- 2 Não diga senão aquilo para que você possa fornecer evidência.

### **Relação**

- 1 Seja relevante.

### **Modo**

- 1 Evite obscuridade de expressão.
- 2 Evite ambigüidade.
- 3 Seja breve.
- 4 Seja ordenado.

GRICE (1975) observa, ainda, que a violação deliberada de qualquer uma das máximas é um recurso que o falante dispõe para transmitir informações que estão além do sentido literal das sentenças. Esta situação gera uma implicatura conversacional. No entanto, quando uma implicatura conversacional é gerada, o princípio da cooperação não está sendo contrariado, pois a máxima está sendo utilizada.

### 2.3 *A noção de face*

GOFFMAN (1967) conceitua face como valor social positivo que uma pessoa reivindica para si, uma imagem delineada em termos de atributos sociais aprovados, localizada no fluxo dos eventos. São os eventos que vão determinar a resposta emocional que a pessoa vai experimentar: ela se sentirá bem se os eventos estabelecerem uma face superior ao esperado, e se sentirá mal se suas expectativas não forem preenchidas.

Para assegurar a imagem pública que estabeleceram, as pessoas executam ações, numa orientação defensiva, com o objetivo de salvar a própria face, e, também, numa orientação protetora, com o objetivo de salvar a face dos outros.

GOFFMAN (1967) estabelece dois tipos de trabalho de elaboração da face: o processo de evitação (evitar atos potencialmente ameaçadores à face) e o processo corretivo (utilizar atos reparadores).

Ao tratar das estratégias utilizadas pelos indivíduos para manter o seu lugar social, GOFFMAN (1967) fala da arte de manipular a impressão. Conceitua o indivíduo como um ator disciplinado que representa uma personagem nas dadas situações sociais. Para representar com sucesso o seu papel, o ator não pode cometer gestos involuntários como “gafes” ou “mancadas”. Deve ter autocontrole e domínio do rosto e da voz.

### 2.4 *O princípio da polidez*

BROWN e LEVINSON (1987) definem face como “a imagem própria pública que cada pessoa quer reivindicar para si própria”.

Baseando-se originalmente no modelo de conversação de GRICE (1975) e admitindo que a comunicação humana é racional, classificam dois modelos de face: face positiva e face negativa. A face positiva relaciona-se ao desejo da pessoa de ser aceita e estimada pelos outros e a face negativa refere-se ao desejo da pessoa de não sofrer imposição pelos outros em sua liberdade de ação.

Esses desejos podem ser alcançados por atos como ordens, promessas, críticas, contradições etc. Para minimizar tais ameaças, as pessoas adotam estratégias do discurso em suas interações. Essas estratégias variam desde a

não realização do ato, a especificação das intenções, o uso de ações reparadoras, até a realização do ato de maneira indireta. A escolha de qualquer das estratégias de polidez vai estar na dependência de variáveis tais como poder, distância social e teor de risco.

Conforme o teor de risco, isto é, de ameaça à face do falante e/ou do ouvinte, o falante vai optar por uma estratégia de polidez. Se o risco é baixo, o falante poderá realizar o ato diretamente, *on record*. Se o risco é alto, o falante vai procurar uma estratégia para realizar o ato de modo que a intenção pretendida seja percebida pelo ouvinte através de uma inferência – *off record*.

Essa estratégia *off record* se constitui de violações às máximas de GRICE (1975), o que significa que uma implicatura deve ser observada.

Desse modo, um falante pode realizar um ato de ameaça à face, de modo polido, não dizendo apenas o necessário (violação à máxima da quantidade), não sendo relevante (violação à máxima da relação), não apresentando evidências (violação à máxima da qualidade) ou sendo ambíguo ou vago (violação à máxima de modo). Poderá, ainda, o falante realizar o ato de ameaça à face com reparação dirigida à satisfação dos desejos da face negativa ou positiva.

BROWN e LEVINSON (1987) chamam a atenção para a utilização das estratégias de polidez dentro de diferentes culturas. Há que levar em conta os valores atribuídos a *poder* e *distância* e, ainda, ao *risco* de um ato de ameaça à face em relação à qualidade afetiva típica da interação dos membros de uma dada cultura.

### 3 *Manhattan Connection*: estratégias discursivas de debate na televisão

#### 3.1 *O programa de debates*

*Manhattan Connection* é um programa de debates, em forma de mesa-redonda, apresentado semanalmente pelo canal de televisão GNT, todos os domingos às vinte e duas horas, diretamente de Nova Iorque para o Brasil. São discutidos temas da ordem do dia pelos jornalistas brasileiros Lucas Mendes (LM), Paulo Francis (PF), Nelson Motta (NM) e Caio Blinder (CB).

LM atua como coordenador dos debates, cabendo aos outros três jornalistas o papel de emitir suas opiniões e fornecer informações sobre o tema debatido no momento.

O programa escolhido para análise tem como tema central de discussão um problema que atinge o mundo como um todo, que é o da explosão demográfica.

LM faz a abertura do debate anunciando uma reunião a ser realizada na

cidade do Cairo, patrocinada pela ONU, para tratar do assunto. Avalia, sugerindo que a escolha do local não poderia ser mais apropriada por se tratar de uma cidade superpopulosa e superpoluída. Adianta que quinze mil delegados estarão lá debatendo a população e o desenvolvimento, com a intenção de reforçar a noção de que a emancipação da mulher é o caminho para conter o crescimento populacional. Chama atenção para a agenda explosiva da Conferência da ONU, vez que o tema implicará discussões polêmicas, tais como aborto e sexo fora do casamento, o que fustigarão os ânimos do Vaticano e dos fundamentalistas islâmicos. Finaliza salientando que as diferenças parecem irreconciliáveis e opina afirmando que um parto num documento final poderá ser muito difícil e que o bebê poderá nascer torto, referindo-se a um possível pacto entre Clinton e o Papa.

Depois dessa introdução, mostra-se um documentário sobre o assunto, que seria apresentado durante a Conferência da ONU no Cairo. Nele, uma das grandes estrelas é a cidade de Curitiba, mostrada como exemplo de crescimento populacional a ser estabelecido.

Então, é iniciado o debate propriamente dito.

A parte inicial do debate é que foi escolhida para servir de objeto de análise para este trabalho e a transcrição dos diálogos encontra-se como apêndice no final.

Dois dos debatedores têm participação maior no debate – PF e CB. Cada um tenta, a seu modo, segurar o debate e manter a atenção sobre si. Por isso, na análise dos dados, as observações se centrarão nesses dois participantes com maior intensidade.

### 3.1.1 *A organização da conversação em Manhattan Connection*

TANNEN (1979) e TANNEN e WALLAT (1985) explicitam noções sobre estruturas de expectativas que os indivíduos têm acerca dos fatos do mundo, a partir de experiências passadas que ajudam a processar e a compreender eventos. Essas estruturas relacionam-se com esquemas de conhecimento internalizados que ajudam o indivíduo na compreensão das dadas situações sociais – das pessoas, objetos, eventos e cenários do mundo.

São essas estruturas de expectativa que levam o indivíduo a esperar, por exemplo, que um debate tenha o formato de debate já cristalizado no seu mundo de referência de conhecimentos.

Em *Manhattan Connection* as estruturas de expectativas em torno de como se desenrola um debate são frustradas no que diz respeito à estruturação da conversação e à atuação dos participantes na interação.

Os dados do recorte estabelecido no debate, vistos sob os princípios da conversação espontânea, demonstram se contrapor a pelo menos duas das

características básicas que constituem a organização da conversação, segundo MARCUSCHI (1986):

- i) não há presença de uma seqüência de ações coordenadas e
- ii) não há envolvimento numa interação centrada.

Observados os dados como um todo, percebe-se que os participantes não esperam a melhor oportunidade para tomar o turno ou serem autorizados a falar.

Dos quatro debatedores, pelo menos dois (CB e PF) tentam monopolizar a conversa. PF tem a maior parte dos turnos, uma vez que resiste em ceder a fala, e várias vezes atropela o turno de outros participantes.

O aspecto referente a envolvimento numa interação centrada não é respeitado em duas instâncias: não há a preocupação dos debatedores em geral em emitir argumentações em torno do tema proposto, nem há o centramento no falante no decorrer da interação – nenhum dos participantes consegue iniciar um tópico, desenvolvê-lo e concluí-lo. Ao contrário, os tópicos ficam fragmentados e esquecidos.

Por outro lado, se vistos os dados sob os princípios da conversação em contextos de multiparticipação, segundo os traços estabelecidos por ATKINSON (1982), constata-se a dificuldade em relação ao sistema da troca de turnos. Realmente, dois dos participantes têm participação mínima no debate (NM e LM). As soluções apontadas para resolver o problema de preservação do falante por ATKINSON (1982) demonstram não terem obtido resultados positivos no programa *Manhattan Connection*. Os participantes ocupam lugares que facilitam a visibilidade para todos, conhecem cada qual a identidade de todos os outros e há a figura do mediador cujo suposto papel seria o de orientar as tomadas de turno. Entretanto, esses procedimentos se mostram ineficazes. O mediador (LM) não consegue exercer o seu papel de coordenador e, desta feita, o debate passa a se organizar como uma conversa qualquer, semelhante àquelas de mesa de bar em final do expediente de trabalho.

Isso comprova que a simples presença de um mediador não significa sucesso na seqüência da atividade. É preciso que o mediador tenha as condições mínimas para exercer satisfatoriamente o seu papel. Essas condições mínimas são domínio do maior número de informações sobre o tema proposto para debate e reconhecimento por parte dos outros participantes do *status* do seu papel no desenrolar do evento.

Para ATKINSON (1982), o mediador congrega direitos especiais tais como o de decidir quem pode falar, e quando pode falar sobre o assunto. Os dados revelam que em nenhum momento do debate o mediador (LM) consegue exercer esse direito. A conversação segue como que sem dono, sem direção – não mais um debate, agora uma conversa descontraída de mesa de bar.

Ainda sobre os direitos especiais do mediador, ATKINSON (1982) afirma que é ele quem tem o direito de decidir o que se pode falar sobre o assunto. E MARCUSCHI (1986) fala do princípio da parcimônia, que estabelece que não se deve falar o que já é sabido, e que algumas coisas são conversáveis, outras não.

Mais uma vez o mediador de MC não exerce seu direito. Ele permite que a conversa descambe para assuntos pessoais ou para digressões que se distanciam do tema.

A introdução que LM faz no início do programa e o documentário apresentado para ilustrar o evento encaminham o assunto no sentido de uma avaliação positiva. Entretanto, já a primeira resposta do primeiro participante causa surpresa ao telespectador.

LM – Francis (+) qual é a importância dessa reunião?  
PF – Nenhuma! (++) É mais um pretexto para quinze mil vagabundos da ONU (+).  
[...]

Na seqüência LM, de modo geral, não consegue tomar as rédeas da organização do debate. A superposição de falas e a falta de opinião formada do coordenador provocam desorganização no debate. Para exemplificar, algumas seqüências:

PF – e pegar um devasso, cínico, debochado  
LM – { como Clinton  
Francis não vale a pena  
fazer controle da população?  
? – { *Tem que haver controle de população.*

---

PF – sobre as oportunidades {  
LM – { igualmente informadas?

PF – Como é que vai uma analfabeta no interior (PAUSA) da Índia vai ter { Bom, mas  
o que é que você sugere? Que ela seja forçada?  
LM – *Não, não sei, eu tô perguntando.*



LM – Foi quando Sadam foi pro pra Israel  
 Tem quinze anos  
 Faz tempo {  
 ? – { (caos)  
 LM – { Não tinha prostituta barata  
 CB – { O Francis você fala  
 PF – { Sadam não. Sadat. Sadat  
 { Não tinha  
 prostituta nenhuma  
 (risos)

---

CB – Posso falar?  
 PF – Mundo (?) no qual você vive, né?  
 NM – Nem as mulheres italianas dão bola pra ele  
 CB – { Posso acabar  
 de falar no  
 PF – Pode  
 CB – { Não me corta a palavra  
 ? – { Quero pedir autorização  
 ? – { Eu quero saber o seguinte

As duas últimas seqüências comprovam como a regular superposição de falas prejudica a progressão coerente do assunto e, conseqüentemente, a compreensão por parte do telespectador. Além do mais, a expectativa em torno da organização de um debate, por seu turno, fica também prejudicada, por não haver um sistema organizado de troca de turnos. Inexistem, como comprovam os dados, os direitos do mediador estabelecidos por ATKINSON (1982). LM, o suposto mediador, não decide quem e quando pode falar sobre o assunto. Também não administra a separação entre o que é conversável e o que não o é

### 3.1.2 *O princípio da cooperação em Manhattan Connection*

GRICE (1975) afirma que cada participante reconhece nos diálogos um propósito comum ou um conjunto de propósitos que orienta a direção da conversa. Nos debates transmitidos pela televisão, o propósito é fixado no início. Em *Manhattan Connection*, LM apresenta o propósito do debate, detalhando fatos e mostrando dados estatísticos. Corrobora sua fala, apresentando o vídeo-documentário produzido pela CNN.

Definido o propósito da conversação, os participantes devem agir, segundo observações de GRICE (1975), a partir do princípio da cooperação: “Faça sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que você está engajado.”

Isso significa que os participantes devem respeitar as máximas estabelecidas para servir de regras para a conversação.

No programa *Manhattan Connection* são violadas as máximas do princípio da cooperação, como se mostra a seguir:

#### 1 – Máxima da Relação: Seja relevante.

Já no início do debate, após a exposição do assunto e apresentação do vídeo, quando o coordenador solicita ao primeiro debatedor (PF) que fale da importância do evento, PF envereda em direção contrária ao solicitado, passando a discorrer sobre burocratas ociosos viajarem de primeira classe às custas da ONU, para tomar dinheiro dos países ricos.

Quando o coordenador tenta reorientar o diálogo para o propósito estabelecido, o mesmo debatedor inicia discussão em torno do que é informar e do que é coagir, e das formas de informar.

Mais adiante, quando outro debatedor (NM) tenta retornar ao tema, descrevendo a situação no Brasil, PF cria confusão na conversação carregando o assunto para o âmbito religioso – o pecado mortal. No momento em que o terceiro debatedor (CB) tenta, com um longo turno, fazer abordagem direcionando para o propósito do programa, de novo PF toma o turno, carregando o tema, agora, para o interesse que pode haver em se fazer turismo no Cairo.

Conclui-se, a partir da observação dos dados, que o debatedor PF em momento algum preocupou-se com a relevância do propósito. É ele quem viola a máxima da relação e provoca momentos caóticos no debate. Na quase totalidade de suas falas, a máxima da relação é violada, por isso a dificuldade em transcrever trechos. A comprovação pode ser feita pela observação dos dados anexos.

#### 2 – Máxima da Qualidade: Não diga senão aquilo para que você possa fornecer evidência.

Os dados demonstram que pelo menos em dois momentos a máxima da qualidade fica prejudicada. Não foram fornecidas evidências sobre a afirmação de que a Arábia Saudita quer tomar dinheiro de outros países, ao contrário, as opiniões adversas não são fundamentadas e, ainda, em relação ao fato de haver ou não prostitutas baratas no Cairo. Além disso, confundem-se os nomes Sadam e Sadat.

PF – a não ser tomar o dinheiro  
NM – Mas não querem  
tomar alguma grana dos países ricos  
também a pretexto de desenvolvimento...  
PF – Por que a Arábia Saudita tá querendo tomar  
a grana de alguém?  
{ Não quer tomar a grana de ninguém  
(*tosses – risos – burburinho*)  
PF – Arábia Saudita empresta dinheiro

---

PF – Baratóssimas. Excelentes  
LM – Lá não tem prostituta barata não  
PF – Você está completamente doido. Qual foi  
??  
{ Qual foi a última vez que você foi lá  
{ ???

---

LM – Foi quando Sadam foi pro pra Israel  
(*caos*)  
PF – Sadam não. Sadat. Sadat.

---

Na medida em que o telespectador espera seriedade na veiculação de informações num programa de debate, que se propõe sério, ele, o telespectador, pode sentir-se prejudicado com a violação da máxima da qualidade: fica sem saber se a Arábia Saudita quer tomar ou emprestar dinheiro, não tem a informação de que as prostitutas do Cairo sejam baratas ou não e fica em dúvida se o participante está realmente se referindo a Sadam ou a Sadat. Não são fornecidas evidências de verdade que comprovem as informações.

3 – Máxima do modo: Evite obscuridade de expressão. Evite ambigüidade. Seja breve. Seja ordenado.

Os dados anexos demonstram que PF, que desordenadamente toma conta da conversa, em momento algum pretende ser breve ou ordenado. CB, o único a tentar uma ordenação, não tem sua tentativa reconhecida, nem é levado a

sério em suas colocações.

O fato de PF e CB não terem sido breves e de não haver, de modo geral, ordenação no debate, fez com que os dois outros participantes tivessem participação inexpressiva no programa.

Além disso, há momentos no debate em que a sobreposição de vozes dificulta o entendimento, sem contar as turbulências e os burburinhos.

Falas de CB, do tipo “Posso falar?”, “Posso acabar de falar?”, “Quero pedir autorização”, “Peraí, perai”, revelam o modo caótico como foi conduzida a conversação.

GRICE (1975) observa que a violação deliberada de qualquer máxima constitui recurso do falante para transmitir informações além do sentido literal, situação que gera implicatura conversacional, o que faz significar que o princípio da cooperação não está sendo contrariado.

No entanto, os dados demonstram que no programa *Manhattan Connection* a violação das máximas não parece ter objetivo de provocar implicaturas. O rompimento com as máximas representa mais estratégias de envolvimento utilizadas principalmente por PF e CB para chamar atenção sobre si e menos preocupação com a qualidade, relevância ou maneira de emitir as informações necessárias ao tema em debate.

### 3.1.3 *A construção da face em Manhattan Connection*

Para GOFFMAN (1985), face é o valor social positivo que uma pessoa reivindica para si, uma imagem delineada em termos de atributos sociais aprovados, localizada no fluxo dos eventos.

Em termos gerais, isso significa que, para sobreviver num dado contexto social, um indivíduo deve desenvolver a capacidade de “impressionar” os outros. A impressão que o indivíduo causa nos outros é levada a efeito não só pelo modo de falar ao veicular informações, como também por um conjunto de outras ações que expressam a si mesmas.

Rotineiramente, os indivíduos tentam impressionar positivamente os membros do grupo de que participam, expressando-se o mais sinceramente possível, no sentido de serem aceitos e preservarem o valor social que pretendem estabelecer. Mas há situações em que o indivíduo age de maneira calculada, expressando-se de forma a levar os outros a formar uma opinião específica que lhe interesse obter.

No que diz respeito ao debate do programa *Manhattan Connection*, observam-se duas estratégias opostas de construção de face. CB tenta projetar-se sob enfoque favorável, apoiando valores estabelecidos e tentando fixar fundamentação em torno do propósito do debate. Expressa-se através de um

discurso acadêmico e é cooperativo, na medida em que, ao iniciar seu discurso, o faz tentando um alinhamento de posições no sentido de favorecer uma elaboração positiva de sua imagem:

**CB** – A primeira coisa... Francis, *eu concordo com o Francis...* se houvesse uma reunião a cada ano ia ser uma mamata de burocrata. Mas não é uma reunião que ocorre a cada ano. É uma reunião que ocorre a cada dez anos. *E é um problema que é importante. Eu não discuto que existe alarmismo em relação ao controle populacional mas você não vai negar a necessidade de se discutir e de se encontrar formas* ou naturais ou através de coação *como é o caso infelizmente que a China teve que adotar* em função do seu problema pra conter a natalidade mas é preciso trabalhar em cima desse problema, *haver uma política populacional.*

PF, por outro lado, elabora sua imagem social utilizando-se de diferente estratégia de envolvimento. Ele abusa do sarcasmo, da ironia, da brincadeira. Não é cooperativo na colocação de suas posições com o objetivo de causar polêmica e, desse modo, carrear as atenções de todos para si. Trata os assuntos abordados de maneira “escrachada”, provocando nos telespectadores primeiro um estranhamento e, depois, a cumplicidade, e até o riso.

Ele faz o estilo autocentrado, do tipo “eu sou o bom, por isso eu posso”, e pode, na medida em que já tem um nome respeitado no âmbito do jornalismo nacional e internacional:

PF – Nenhuma! (++) . É mais um pretexto para  
*quinze mil vagabundos da ONU (+)*  
CB – *vagabundos (início de risos)*  
PF – *viajarem de primeira classe (risos intensos)*  
*Vagabundo incorporo eu Caio (risos CB)*

---

PF – *e pegar um devasso cínico debochado*  
*como Clinton.*

---

PF – *Sim... mas... você tem que*  
*exatamente... você pode...*  
*Isso naão é informar isso é é é*  
*Isso é coagir*

---



Nas falas de CB constata-se o uso de estratégias de polidez negativa. No momento de discordar, ele atenua a discordância, fazendo-o através de uma concordância inicial. Na verdade, ele faz uma concordância parcial:

CB – A primeira coisa... Francis *eu concordo* com o Francis... se houvesse uma reunião a cada ano ia ser uma mamata de burocrata. *Mas não* é uma reunião que ocorre a cada ano.

Outra estratégia de polidez negativa utilizada por CB é a impessoalização:

CB –                   mas *é*  
preciso trabalhar em cima desse problema, haver uma política populacional

Em determinado momento, a polidez negativa aparece em forma de justificativa, de desculpa:

CB – *Mas você fez a pergunta, Lucas...*  
CB – *Como você fala hoje eu vou te chamar de*  
(?) *Mulá Francis porque são as posições dos realmente teocratas...*

Em outros momentos, o ato de ameaça à face negativa é colocado *on record*:

CB – *Posso falar?*  
CB – *Não me corta a palavra*

A atuação de PF no debate leva à constatação de que ele não se preocupa em usar estratégias de polidez com vistas a não ameaçar sua própria face ou a dos outros. Isso pode ser explicado pelo fato de que o teor de risco para PF é pequeno. Ele já tem uma imagem positiva de jornalista cristalizada dentro da mídia nacional e internacional. Por isso, pratica atos de ameaça à face como recurso de estratégia de envolvimento. Chama a atenção para si através de atitudes irônicas e sarcásticas em relação tanto ao tema-propósito do debate quanto aos outros participantes do programa.

PF adota atitude pessimista em relação ao assunto e se dá o direito a fazer



## Conclusão

A análise de parte do programa de debates *Manhattan Connection*, à luz de fundamentos teóricos tais como o princípio da cooperação e o princípio da polidez, a noção de face e a análise da conversação, leva à conclusão de que *Manhattan Connection* é um programa que difere dos outros programas de debate na televisão brasileira. Percebe-se que os participantes estão pouco preocupados em manter o ritual característico dos contextos institucionais. Não uma atividade organizada com papéis pré-estabelecidos, cenários e posturas profissionais, mas a conversa descontraída adentrando à sala dos telespectadores, levando-os a se tornar cúmplices nas impropriedades e brincadeiras.

Apenas um dos debatedores, CB, tenta um comportamento institucional. No entanto, fica provado que o risível, o irônico, o irreverente se sobrepõe à seriedade, ao academicismo, ao “oficial”.

O descomprometimento, a irreverência podem ser conseqüência do baixo teor de risco para os participantes, na medida em que o encontro em si, aos domingos, às vinte e duas, de quatro brasileiros “exilados” em Nova Iorque supostamente propicia a fruição do viés inconseqüente e carnavalesco do brasileiro, levando os debatedores a se esquecerem de que estão participando de um debate e com a obrigação de trazer informações importantes sobre um tema sério para o público brasileiro.

As discordâncias, as brincadeiras, os atos de ameaça à face, a não-cooperação, as estratégias de envolvimento fizeram com que um debate institucional se transformasse numa anticonversa na televisão brasileira.

## Referências bibliográficas

- BROWN e LEVINSON. *Politeness. Some universal in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- CRYSTAL, D. *Dicionário de lingüística e fonética*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- DASCAL, Mi (org.). *Pragmática – problemas, críticas e perspectivas da lingüística*. Bibliografia. Campinas, 1982, v IV.
- GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.
- PEREIRA, M. G. D. *Estratégias de interação no discurso acadêmico falado*. Tese de Doutorado. PUC-RJ, 1993.
- TANNEN, D. e WALLAT, C. Interactive frames and knowledge schemas in interaction. In: TANNEN, D. *Framing discourse*. N.Y.: Oxford. University Press. 1986.

## ANEXO I

### EXPOSIÇÃO INTRODUTÓRIA FEITA POR LUCAS MENDES

LM – De dez em dez anos a ONU faz a contagem e faz o alerta: Ou controlamos ou explodimos.  
Essa semana na reunião do Cairo a explosão pode ser liberal.  
O cenário não poderia ser mais apropriado.  
Na cidade do Cairo superpopulosa e superpoluída 15 mil delegados vão debater a população e o desenvolvimento.  
E a agenda dessa conferência é mais explosiva que as anteriores.  
A intenção da ONU e dos países ricos é a de reforçar a noção de que a emancipação da mulher é o caminho para conter o crescimento da população.  
Mulher educada e que trabalha tem menos filhos, mas para o Vaticano e para os fundamentalistas islâmicos essa conversa é fachada para promover o aborto e o sexo fora do casamento.  
E esta aliança nada santa disparou seus morteiros contra o governo Clinton, acusado de ter uma política populacional muito influenciada pelas feministas.  
As diferenças parecem irreconciliáveis.  
Um parto num documento final vai ser muito difícil e o bebê pode nascer torto.  
Pacto entre Clinton e o Papa.

## ANEXO II

*MANHATTAN CONNECTION* (domingo – 22:30 h) GNT

Lucas Mendes – LM – Coordenador  
Paulo Francis – PF  
Nelson Motta – NM  
Caio Blinder – CB

LM – Francis (+) qual é a importância dessa reunião?

PF – Nenhuma! (++) É mais um pretexto para quinze mil vagabundos da ONU (+).

CB – vagabun { dos }  
PF – { via } *(início de risos dos interlocutores)*

jarem de primeira classe *(risos mais intensos dos interlocutores)*

viajarem de primeira classe para um país pauPÉrrimo (+) / como é / como é o Egito (+) / discutirem besTEiras dias e dias (+) / às custas da ONU. / E se alguma

coisa precisa ser conTida / é o funcionalismo da ONU. / Que a ONU não tem UM vintém pra fazer coisa alguma / a não ser p(r)a pagar os seus próprios funcionários / e esse tipo de (+) (spread junked (?)).

como eles chamam (+) entende? / Evidente

que isso é uma tolice total. Isso

é coisa de // cada país tem que decidir

por si próprio.

Como é que você pode chegar num

país muçulmano, teocrático e determinar

a política populacional?

Só na só na na cabeça de burocrata

(quer dizer?) ocioso que não tem absolu-

tamente nada que fazer.

{ a não ser tomar o dinheiro.

NM – { Mas não querem

tomar alguma grana dos países ricos

também a pretexto do desenvolvimento.

- PF – “Por que” a Arábia Saudita tá querendo tomar a grana de alguém?
- { Não quer tomar a grana de ninguém  
(*tosses – risos – burburinho*)  
A Arábia Saudita empresta dinheiro.
- NM – Ah ela (?) retomar a grana  
vão tomar uma grana da Arábia Saudita.
- PF – (?) a Arábia (?) Saudita é contra  
(*turbulência*)  
Inclusive (?) porque  
Você ofende a sensibilidade católica, entende?  
profundamente Você ofende várias religiões  
Ofende vá
- LM (?) – { controle populacional
- PF – e pegar um { devasso, cínico, debochado  
Como Clinton
- LM – { Francis, não vale a pena  
fazer controle de população?  
Tem que haver o controle  
de população
- PF – Eu acho que deve haver a opção de:  
eu acho que eu acho que todas as  
mulheres deveriam ser igualmente informadas
- LM – Hum?...
- PF – Sobre as oportunidades { igualmente informa-
- LM – das? Como é que vai uma analfabeta  
no interior (PAUSA) da Índia { vai ter  
Bom, mas
- PF – o que é que você sugere? Que ela seja  
forçada? {
- LM – { Não, não sei eu tô perguntando
- PF – Não Não eu di então eu tô { eu tô  
(*caos*)  
Peraí, peraí
- CB – Falando democraticamente
- CB – { não... informado sobre o quê?
- PF – { Você pode informar { você pode informar
- CB NM (?) – { se você levar pra ela  
uma pílula e falar se você tomar isso

- todo dia você não vai ter filho  
 PF – Sim... mas... você tem que...  
 exatamente... você pode...  
 Isso não é informar isso é é é  
 Isso é coagir
- LM – Tá, isso que eu tava perguntando: que  
 tipo de { informação  
 { Entende, então que que você  
 pode fazer? Você pode fazer um tipo  
 de propaganda local como você faz  
 em comércio, qualquer vagabundo {  
 { (caos)  
 ... levar várias opções você pode chegar  
 Brasil  
 (confusão)
- NM – Por incrível que pareça o Brasil, o  
 nosso querido Brasil { é um exemplo  
 PF – { Tá diminuindo o crescimento  
 populacional
- NM – Tá na primeira página do N.Y.T de  
 sexta-feira uma matéria boa que  
 é raro sair é uma matéria boa sobre  
 o Brasil dizendo que o Brasil resolveu  
 praticamente {  
 { como é que resolveu?  
 { eu me lembro há  
 dez anos { atrás as pessoas falavam:  
 { (?)...brasileiro
- NM – o Brasil vai explodir vão ter trezentos milhões  
 de pessoas não vai ter comida pra  
 ninguém vai ter uma guerra  
 convulsão social serve de pretexto pra reprimir as pessoas {  
 { O Brasil resolveu praticamente  
 PF?CB – { ... maior país católico do mundo
- NM – O maior país católico do mundo  
 onde 90% das mulheres católicas,  
 é... controlam a natalidade  
 Têm pleno controle da coisa  
 PF – tão cometendo pecado mortal

(turbulência)

- LM – { Eu quero saber o seguinte...
- CB – { Mas aí você fala, o Francis falou...
- LM – Caio Caio Caio
- CB – Hã
- LM – O que que mais incentiva // se não a gente vai cair naquela conversa de mulher informada mulher sem informação
- CB – Hã
- LM – e isso não vai acabar nunca
- CB – Hã
- LM – É... o que mais incentiva essa conferência (?)?
- CB – A primeira coisa... Francis, eu concordo com Francis... se houvesse uma reunião a cada ano ia ser uma mamata de burocrata. Mas não é uma reunião que ocorre a cada ano. É uma reunião que ocorre a cada dez anos E é um problema que é importante eu eu não discuto que existe alarmismo em relação ao controle populacional mas você não vai negar a necessidade de se discutir e de se encontrar formas ou naturais ou através de coação como é o caso infelizmente que a China teve que adotar em função do seu problema pra conter a natalidade mas é preciso trabalhar em cima desse problema haver uma política populacional...
- LM – por favor quem é que tem interesse em fazer turismo no Cairo nessa altura?
- CB – Ninguém. { É um lugar horrroso
- PF – { Olha aqui
- CB – { (?)
- PF – { Como? É uma festa maravilhosa

LM – { tem bomba  
ali todo dia mata criança

PF – { Que nada, é  
uma festa maravilhosa. As diárias  
são incríveis { tem gente comendo maravilhosamente

CB – { Mas você fez a pergunta, Lucas...

PF – ... Bebendo à beça { Prostitutas  
Quando você foi Quando  
você foi no Cairo a última vez?

PF – Baratóssimas Excelentes

LM – Lá não tem prostituta barata não

PF – Você está completamente doido Qual foi  
???

{ Qual foi a última vez que você foi lá?  
???

LM – Foi quando Sadam foi pro pra Israel  
Tem quinze anos  
Faz tempo  
(*caos*)

LM – { Não tinha prostituta barata  
CB – { O Francis você fala  
PF – { Sadam não Sadat Sadat  
{ Não tinha prostituta nenhuma  
(*risos*)

NM – Sadat Hussein  
(*caos*)  
Sadam em Israel é é uma boa  
(*risos*)

CB – Como você fala hoje eu vou te chamar de  
(?) Mulá Francis porque são as posições  
dos realmente dos { teocratas  
É como eu gostaria  
eu gostaria de ser... { Aiatolá { E não Mulá  
Não { Você tem uma

NM – grande vocação para Aiatolá, não tem?

NM – É a vocação secreta { dele Aiatolá  
{ Não

PF – Vou usar um gorro aqui  
 Da Elke Maravilha  
 PF – Usar um turbante da Bloomingdale's, hein?  
 (*risos*)  
 PF – Não, prefiro da (Fox?)  
 CB – Você ainda precisa ser mais obscurantista  
 pra ser promovido a Aiatolá  
 por enquanto é Mulá { Mas o proble-  
 PF – { É.  
 CB – ma é o seguinte é explosivo  
 porque o Vaticano {  
 PF – { um mundo burocrata  
 acadêmico que não me interessa {  
 CB – { Posso falar?  
 PF – { Posso falar?  
 Mundo (?) no qual você vive, né?  
 NM – { Nem as mulheres italianas dão bola pra ele  
 CB – { Posso acabar de falar no  
 PF – Pode  
 CB – { Não me corta a palavra  
 ? – { ? – Quero pedir autorização  
 ? – Eu quero saber o seguinte  
 LM – Essa semana mataram um garoto  
 espanhol os muçulmanos tão dizendo  
 que vão fazer atentados terroristas porque  
 diz que não querem essa reunião  
 no Cairo vai acontecer alguma coisa?

